

# Resposta de Kardec a James Randi

Sempre nos aparecem os que não acreditam nas manifestações dos espíritos, detratores e céticos dando-se as mãos contra tais fatos. Alguns até apelam para o "inconsciente" como causa do fenômeno; esses, certamente, nunca leram nada a respeito, pois, pelo que ocorre nas milhares de manifestações, vê-se que há uma ação consciente, e, até que nos provem o contrário, afirmaremos que o "inconsciente" não age conscientemente.

Leiamos o que se perguntou aos espíritos:

P. Como provar que a força oculta, que age nas manifestações espíritas, está fora do homem? Não se poderia pensar que ela reside nele mesmo, quer dizer, que age sob o impulso do seu próprio Espírito?

R. "Quando uma coisa ocorre contra a tua vontade e teu desejo, é certo que não foste tu quem a produziu; mas, frequentemente, és a alavanca da qual o Espírito se serve para agir, e tua vontade lhe vem em ajuda: podes ser um instrumento mais ou menos cômodo para ele."

Em nota, Kardec tece seus comentários a essa resposta:

É, sobretudo, nas comunicações inteligentes que a intervenção de uma força estranha se torna patente. Quando essas comunicações são espontâneas e fora do nosso pensamento e do nosso controle, quando respondem a perguntas cuja solução é desconhecida dos assistentes, **é preciso procurar-lhe a causa fora de nós. Isso se torna evidente para quem observe os fatos com atenção e perseverança**; as nuances de detalhes escapam ao observador superficial. (KARDEC, A. Revista Espírita 1858, Araras, SP: IDE, 2001, p. 12, grifo nosso).

Ora, como alguém pode falar de algo que não observou com atenção e perseverança, como diz Kardec? Pretensão em achar-se um especialista num assunto de que nada conhece...

Por outro lado, não raro, outros nos sugerem para que ganhemos o "um milhão de dólares" oferecido pelo sr. James Randi, para quem conseguir produzir um fenômeno tendo os espíritos como fonte; para isso, estabelece as suas condições. Aliás, ele vai mais além para estender isso a qualquer fenômeno paranormal produzido por um sensitivo, médium, ou seja lá o que for. No caso dos espíritos é muito provável que jamais encontrará alguém que os façam aparecer, uma vez que ninguém pode garantir a manifestação de um espírito.

Numa situação análoga, Kardec analisa um desafio ocorrido em junho de 1857; vejamos como explica o "desafio proposto na América":

## Os médiuns julgados

Os antagonistas da Doutrina Espírita se apossaram, zelosamente, de um artigo publicado pelo *Scientific American*, do dia 11 de julho último, sob o título: *Os Médiuns julgados*. Vários jornais franceses reproduziram-no como um argumento sem réplica; nós mesmos o reproduzimos, fazendo seguir de algumas observações, que lhe mostrarão o valor.

"Há algum tempo, **uma oferta de quinhentos dólares (2,500 francos) foi feita, por intermédio do *Boston Courier*, a toda pessoa que, na presença e em satisfação de um certo número de professores, da Universidade de Cambridge, reproduzisse alguns desses fenômenos misteriosos** que os espiritualistas dizem, comumente, terem sido produzidos por intermédio de agentes chamados *médiuns*.

**O desafio foi aceito pelo doutor Gardner**, e por várias pessoas que se vangloriavam de estar em comunicação com os Espíritos. Os concorrentes se reuniram nos edifícios Albion, em Boston, na última semana de junho, dispostos a fazerem a prova da sua força sobrenatural.

Entre eles, notavam-se as jovens Fox, que se tornaram tão célebres pela sua superioridade nesse gênero. A comissão, encarregada de examinar as pretensões dos aspirantes ao prêmio, se compunha dos professores Pierce, Agassiz, Gould e Horsford, de Cambridge, todos os quatro sábios muito distintos. As experiências espiritualistas duraram vários dias; jamais os médiuns encontraram mais bela ocasião de colocarem em evidência seu talento ou sua inspiração; mas, como os sacerdotes de Baal, ao tempo de Elias, invocaram em vão suas divindades, assim como o prova a passagem seguinte, do relatório da comissão:

'A comissão declara que o doutor Gardner não tendo se saído bem em lhe apresentar um agente, ou médium, que revelasse a palavra confiada aos Espíritos em um quarto vizinho; que lesse a palavra inglesa escrita no interior de um livro ou sobre uma folha de papel dobrada; que respondesse uma questão que só as inteligências superiores podem responder; que fizesse ressoar um piano sem tocá-lo, ou avançar uma mesa, em um pé, sem o impulso das mãos; mostrando-se impotente para dar, à comissão, testemunho de um fenômeno que se pudesse, mesmo usando uma interpretação larga e benevolente, considerar como o equivalente das provas propostas; de um fenômeno exigindo, para sua produção, a intervenção de um Espírito, supondo ou implicando, pelo menos, essa intervenção; de um fenômeno desconhecido, até hoje, à ciência, e cuja causa não fosse, imediatamente, assinalável para a comissão, palpável para ela, não tem nenhum título para exigir, do Courier, de Boston, a entrega da soma proposta de 2,500 francos'.

A experiência, feita nos Estados Unidos, a propósito dos *médiuns*, lembra aquela que se fez, há uma dezena de anos, para ou contra os sonâmbulos lúcidos, quer dizer, magnetizados. A Academia de ciência recebeu a missão de conceder um prêmio de 2,500 francos ao *sujet* magnético que lesse de olhos fechados. Todos os sonâmbulos fazem, voluntariamente, esse exercício, em seus salões ou em público; leem em livros fechados e decifram uma carta inteira, sentando-se em cima de onde a colocam, bem dobrada e fechada, ou sobre seu ventre; mas, diante da Academia não pôde nada ler de todo e o prêmio não foi ganho".

**Essa experiência prova, uma vez mais, da parte de nossos antagonistas, sua ignorância absoluta dos princípios sobre os quais repousam os fenômenos espíritas.** Entre eles, há uma ideia fixa de que esses fenômenos devem obedecer à vontade, e se produzirem com a precisão de uma máquina. Esquecem, totalmente, ou, dizendo melhor, **não sabem que a causa desses fenômenos é inteiramente moral, que as inteligências que lhes são os primeiros agentes, não estão ao capricho de quem quer que seja, nem mais de médiuns do que de outras pessoas.** Os Espíritos agem quando lhes apraz, e diante de quem lhes apraz; frequentemente, é quando menos se espera que a manifestação ocorre com maior energia, e quando é solicitada, ela não ocorre. Os Espíritos têm condições de ser que nos são desconhecidas; o que está fora da matéria não pode estar submetido ao cadinho da matéria. É, pois, equivocar-se, julgá-los do nosso ponto de vista. Se creem útil se revelarem por sinais particulares, o fazem; mas, isso jamais à nossa vontade, nem para satisfazer uma vã curiosidade. **É preciso, por outro lado, considerar uma causa bem conhecida que afasta os Espíritos: sua antipatia por certas pessoas, principalmente por aquelas que, através de perguntas sobre coisas conhecidas, querem pôr a sua perspicácia em prova.** Quando uma coisa existe, diz-se, eles devem sabê-la; ora, é precisamente porque a coisa nos é conhecida, ou tendes os meios de verificá-la por vós mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder; essa suspeição os irrita e deles não se obtém nada de satisfatório; ela afasta, sempre, os Espíritos sérios que não falam, voluntariamente, senão às pessoas que a eles se dirigem com confiança e sem dissimulação. Disso não temos, todos os dias, exemplos entre nós? Homens superiores, e que têm consciência de seu valor, se alegrariam em responder a todas as tolas perguntas que tenderiam a lhes submeter a um exame, como escolares? Que diriam se se lhes dissessem: "Mas, se não respondeis, é porque não sabeis?" Eles vos voltariam as costas: é o que fazem os Espíritos.

Se assim é, direis, de qual meio dispomos para nos convencer? No próprio interesse da Doutrina dos Espíritos, não devem desejar fazer prosélitos? Responderemos que é ter bastante orgulho em crer-se alguém indispensável ao sucesso de uma causa; ora, os Espíritos não amam os orgulhosos. Eles

convencem aqueles que o desejam; quanto aos que creem na sua importância pessoal, provam o pouco caso que deles fazem, não os escutando. Eis, de resto, sua resposta a duas perguntas sobre esse assunto:

Podem pedir-se, aos Espíritos, sinais materiais como prova da sua existência e da sua força? *Resp.* "Pode-se, sem dúvida, provocar certas manifestações, mas nem todo o mundo está apto para isso, e, frequentemente, o que perguntais não o obtendes; eles não estão ao capricho dos homens".

Mas quando uma pessoa pede esses sinais para se convencer, não haveria utilidade em satisfazê-la, uma vez que seria um adepto a mais? *Resp.* "Os Espíritos não fazem senão aquilo que querem, e o que lhes é permitido. Falando-vos e respondendo as vossas perguntas, atestam a sua presença: isso deve bastar ao homem sério que procura a verdade na palavra".

Escribas e fariseus disseram a Jesus: Mestre, muito gostaríamos que nos fizésseis ver algum prodígio. Jesus respondeu: "Esta raça má e adúltera pede um prodígio, e não se lhe dará outro senão aquele de Jonas (São Mateus)".

**Acrescentaremos, ainda, que é conhecer bem pouco a natureza e a causa das manifestações para crer estimulá-las com um prêmio qualquer.** Os Espíritos desprezam a cupidez, do mesmo modo que o orgulho e o egoísmo. E só essa condição pode ser, para eles, um motivo para se absterem de se comunicarem. Sabei, pois, que obtereis cem vezes mais de um médium desinteressado do que daquele que é movido pela atração do ganho, e que um milhão não faria ocorrer o que não deve ser. **Se nós nos espantamos com uma coisa, é que se tenha procurado médiuns capazes de se submeterem a uma prova que tinha por aposta uma soma de dinheiro.** (KARDEC, A. Revista Espírita 1858, Araras, SP: IDE, 2001, p. 21-24, grifo nosso).

Portanto, não tendo como se exigir a presença dos Espíritos, já que eles se manifestam segundo a vontade deles, e não da nossa, a produção do fenômeno com dia e hora marcados fica apenas na intenção dos que não conhecem absolutamente nada dele.

Outro fator importante, falado por Kardec e percebido por alguns estudiosos, é que é preciso unidade de pensamento para produzi-lo; pensamentos contrários de antagonistas e descrentes minam a energia pela qual os espíritos produzem o fenômeno, embora ainda não se saiba a causa disso.

Diante disso, a ignorância faz com que as pessoas achem o sr. Randi como o tal que consegue fazer "calar" os Espíritos; deixamos a estes, as últimas palavras de Kardec no texto acima: "Se nós nos espantamos com uma coisa, é que se tenha procurado médiuns capazes de se submeterem a uma prova que tinha por aposta uma soma de dinheiro".

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Jan/2009

Este texto foi publicado:

- **Jornal Espírita**, nº 402. São Paulo: FEESP, fevereiro/2009, p. 12.
- revista digital eletrônica **O Consolador** no. 327, 01 de setembro de 2013.